

Ecos do progresso, ruídos da civilização: as Exposições Universais e Nacionais do final do século XIX e inícios do século XX.

Laila Pedrosa da Silva¹

Introdução

O objeto aqui escolhido para análise é as Exposições Estaduais no Piauí, sendo o mesmo, meu objeto de trabalho de conclusão de curso. As Exposições Estaduais eram eventos onde selecionavam produtos para posteriormente participarem das Exposições Nacionais, e se escolhidos, seriam enviados para concorrerem as Exposições Universais representando seu Estado. Nesse momento, os países aproveitavam para exibir seu desenvolvimento para outras nações, por isso a preocupação na seleção dos produtos que seriam enviados para serem expostos, pois seriam alvos dos olhares críticos e curiosos dos visitantes que viriam de diferentes parte do mundo.

Ao pesquisar sobre o tema, tive conhecimento da participação do Piauí nas Exposições Nacionais, especificamente na de 1908, que ocorreu no Rio de Janeiro em comemoração aos 100 anos de abertura dos portos. Mas, não ficou só nisso, o estado não só participou das Exposições Nacionais, como também realizou algumas Exposições Estaduais, no esforço de mostrar-se moderna.

Nesse intuito a presente pesquisa tem por objetivo analisar a emergência da ideia de progresso civilizacional construída ao longo do século XIX e primeiras décadas do século XX, tendo como espaço de análise o Piauí. Em vista que as Exposições Estaduais no Piauí é um assunto pouco explorado por nós historiadores, percebo a grande relevância em trabalhar algo que traz grandes contribuições para a história.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Piauí Campus Senado Helvídio Nunes de Barros.

Assim, partindo de um contexto muito mais amplo, que é as Exposições Universais e Nacionais, busco compreender como se deu a inserção do Piauí a modernidade capitalista através de sua participação nas Exposições. Analisando as mudanças econômicas ocorridas no final do século XIX e primeiras décadas do XX, quando se tem a substituição da atividade pecuária e agrícola de subsistência para a produção extrativista exportadora.

Nesse momento o Piauí estaria adentrando ao contexto mundial civilizacional, deixando para trás o atraso que perdurou por décadas? O Estado teria abandonado suas antigas atividades consideradas ultrapassadas em favor do progresso civilizacional? A emergência da atividade extrativista não teria se dado em favor do discurso de progresso e desenvolvimento da província? Por que produtos, como o gado e seus derivados, tido como incivilizado estava sendo exibido na Exposição Nacional de 1908?

Questionamentos como esses é que nortearam a discussão do corrente trabalho. Para ajudar a pensar essas indagações dialogarei com autores que discutem a mesma temática, como Francisco Foot Hardman, em seu livro *Trem fantasma a modernidade na selva*, partindo da ideia que o autor coloca da relação da construção da Estrada de Ferro Madeira-Marmoré e as Exposições Universais, ambas defensoras do discurso burgues de progresso. Na sua análise, os eventos internacionais eram “espetáculos da *exhibitio* da civilização burguesa” (HARDMAN, 1988, P.49), sendo o mesmo a materialidade dessa ideologia.

Lilia Moritz Schwarcz, , em *As Barbas do Imperador* trata sobre as Exposições Internacionais e a relação direta com a política desenvolvida pelo imperador D. Pedro II. O Monarca teria sido um dos maiores incentivadores para construção desses eventos, na intenção de fundar sua imagem política moderna(SCHWARCZ,). Assim Schwarcz nos ajudará a compreender a implementação dessa política imperial.

Teresinha Mequita Queiroz em *Economia Piauiense da pecuária ao extrativismo*, traz a discussão da emergência da economia extrativista no final do século XIX e primeiras décadas do XX. A autora mostra que a atividade a muito tempo era desenvolvida, mas só a partir de 1870 que ela ganha forças substituindo a pecuária (QUEIROZ, 2006, P.19). partindo dessa ideia, procuramos salientar a inserção do Piauí nas Exposições Nacionais, na busca de mostrar-se desenvolvido, com uma nova economia que o inseria no mercado internacional.

A dissertação de Cinthia da Silva Cunha, sobre *As Exposições Provinciais do Império: a Bahia e a Exposições Universais (1866 a 1888)*, trata sobre a participação do

Estado da Bahia na realização das Exposições Provinciais, em preparação para as Nacionais. A Bahia, assim como Piauí aderiu ao projeto de implantar a modernidade burguesa em voga. Logo empenharemos em percorrer o mesmo caminho de Cunha, no intuito de compreender como se deu essa participação. E uma vez ou outra, ver se esse processo de adesão se deu igual nas duas províncias.

Margarida de Souza Neves, na obra *Vitrines do Progresso*, utiliza as Exposições Universais do século XIX e XX, como cenário de análise do mundo do trabalho, com enfoque no Rio de Janeiro. A autora busca destacar a ideia de civilidade da sociedade moderna, com a urbanização da cidade e higiene dos corpos. Uma preparação para organizar as exposições que iria repercutir no exterior, apresentando um novo Brasil.

Os documentos aqui analisados, são as mensagens do Estado do Piauí dos anos de 1907 e 1908 apresentadas à Câmara Legislativa. Nessas fontes podemos encontrar dados que nos mostram a situação econômica da província, o seu desenvolvimento, e as metas alcançadas no decorrer de cada ano. Outro documento utilizado na pesquisa, é o catálogo dos produtos do estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908. Nele contém uma lista dos produtos expostos e seus respectivos expositores. Mostra um pouco a preocupação da província em se preparar para participar da Exposição.

O exibicionismo das Exposições Universais e Nacionais: uma ideologia do progresso

No final do século XIX e início do XX, o mundo assistiu às grandiosas Exposições Universais. Símbolo máximo do progresso burguês, potencializava o que de mais belo os países da Europa e da América ofereciam ao mundo dito civilizado. Participar dessas feiras significava muito além de uma mera representatividade de sua nação, era um mergulho no mundo idealizado pela imagem de progresso, desenvolvimento e civilização burguesa, sendo essa inserção no quadro de países com potenciais econômicos em progresso, que cada nação buscava demonstrar nas Exposições Universais.

As Exposições Universais da segunda metade do século passado e princípios deste constituem certamente um dos veios mais férteis para o estudo da ideologia articulada à imagem da “riqueza das nações”. Os catálogos e relatórios desses eventos iluminam de forma ímpar vários aspectos do otimismo progressista que impregnava a atmosfera da sociedade burguesa em formação(HARDMAN, 1988, p.49)

Exibir o que de melhor e mais moderno se produzia em seu país, numa corrida para a produção e criação de algo novo que surpreendesse os demais e que colocasse seu país em destaque era o que importava. Assim, por que não realizar eventos nacionais, onde fosse possível selecionar o que de melhor o país tivesse. Ou ainda, incentivar a produção por meio do incremento de prêmios aos melhores produtores. É nesse cenário que se tem início a realização das Exposições Nacionais no Brasil.

Os eventos nacionais, ganharam a mesma roupagem dos universais. Lilia Moritz Schwarcz salienta que o caráter de construir a imagem de um país civilizado, teve todo o apoio do imperador D. Pedro II, que durante esse período incentivou e investiu em recursos para a realização das feiras. Sua motivação estava no intuito de desconstruir a imagem do Brasil que se tinha no exterior, de um país atrasado, onde predominava a escravidão e mostrar-se como defensor do progresso de seu país. Assim o entusiasta D. Pedro II cria uma política voltada para estimular a produção e desenvolvimento da nação, apresentando o Brasil como uma nação rica e com grande potencial econômico em desenvolvimento.

As Exposições Universais, seriam a materialidade do progresso das nações, a modernidade inaugurada com a entrada do capitalismo em cena. O mundo a partir desse momento é visto por outra ótica, que vai se impondo a todas as classes da sociedade. Um modelo de vida que deve ser seguido e vivido, para que toda a sociedade possa funcionar de forma organizada, rumo ao progresso. Os sujeitos que não se enquadrassem a essa nova perspectiva, eram considerados alheios ao desenvolvimento de seu país.

O resultado foi o surgimento de uma euforia mistificadora, como Francisco Foot Hardman² coloca no intuito de legitimar a ideia de unificação das nações sobre o mesmo propósito, de construir uma cultura que caminhava de braços dados com a modernidade. Essa idealização de uma melhoria da humanidade por meio da unificação, procurava ater os sujeitos às exigências do momento, ou seja, a manterem um estilo de vida proporcional a ideologia virgente.

Entretanto, para alcançar o patamar desejado, o Brasil passou a mobilizar as províncias a realizarem eventos representativo dessa simbologia do progresso humano. Nascia aí as Exposições Estaduais e com ela a possibilidade de nós, historiadores do presente, compreendermos os significados culturais de civilização, progresso e

² Ver Trem Fantasma: a modernidade na selva. -- São Paulo: Companhia das Letras, 1988

desenvolvimento econômico que cada província e, posteriormente, estados republicanos construíam a respeito de si.

As províncias aderiam a essa ideologia vigente, e passaram a realizar os eventos locais, no qual tiveram grande participação de expositores, com variados artigos, que eram organizados para serem expostos por meio de uma classificação categórica. “Grandes espaços eram ocupados para construção de edificações onde seriam erigidas os pavilhões que abrigaria os produtos de cada país” (CUNHA, 2010, P.16).

É preciso modernizar: substituir o velho pelo novo

Na tentativa de alinhar-se com a modernidade em voga, o Piauí passou a realizar as Exposições Estaduais e a participar das nacionais. Sua participação se deu na Exposição Nacional de 1908, em comemoração aos 100 anos de abertura dos portos. Esse evento ocorreu na cidade do Rio de Janeiro e teve sua abertura no dia 11 de agosto do referido ano. Nessa primeira década do século XX, inúmeras obras foram realizadas na Capital do país, como as reformas urbanas de Pereira Passos em 1902-1906 no intuito de deixar a cidade mais parecida com o padrão europeu. A exposição de 1908 era uma tentativa de apresentar o Brasil como uma nação moderna capitalista e republicana, que vivia um novo momento, livre dos antigos problemas do Império.

Esse embelezamento da República, pode ser notado na tentativa de mostrar todas as riquezas do país, convidando as províncias a expor seus produtos. Margarida de Souza Neves, em as vitrines do progresso diz que “Nas Exposições, exibem-se os estranhos dos estados, expõem-se para impor uma determinada visão de mundo” (NEVES, 1986, p.).

O Piauí mesmo sendo uma província com pouco desenvolvimento nos seus setores agrícola e industrial, foi convidada a expor seus produtos. Isso por que até a segunda metade do século XIX a economia piauiense era basicamente pecuarista. Ao lado da criação de gado era desenvolvida uma pequena agricultura de subsistência. Sua economia tinha um perfil diferenciado das demais regiões, enquanto o centro-sul se dedicava as atividades de produção do café, o Piauí se fechava na pecuária, perdendo um pouco seu espaço no mercado consumidor, como nos mostra Teresinha Queiroz:

Durante a segunda metade do século XIX, as atividades agrícolas e pecuaristas, na forma como foram desenvolvidas, não se mostraram capazes de possibilitar mudanças econômico-sociais de peso, como ocorreu, no mesmo período, em determinadas áreas do centro-sul. A pecuária e a agricultura de subsistência não apresentaram quaisquer

sintomas de mudanças estrutural. Ao contrário, definiu-se um processo de atrofia progressistas, manifesto na ausência de inovações tecnológicas, na falta de abertura de novas fontes econômicas complementares e, fundamentalmente, na decadência da base tradicional, a pecuária, que acentuava cada vez mais seu caráter de atividade de subsistência (QUEIROZ, 2006, p.52).

Mesmo com sua economia considerada atrasada em relação aos demais produtos, a exportação do gado e de seus derivados, era responsável pelo grande número de receitas da província e essa foi até a década de 1870, quando ocorre uma inversão. Teresinha de Queiroz coloca, que a partir desse período, a economia da província começa a tomar novos rumos. Especificamente no decorrer de 1897 em diante, com o avanço da economia extrativista da borracha de maniçoba, cera de carnaúba e o babaçu, principais produtos dessa pauta de exportação.

Vê-se aí nas primeiras décadas do XX, uma tentativa de mudar os rumos da economia piauiense, de uma pecuária e agricultura de subsistência para um extrativismo de exportação, incentivando a produção das regiões. A economia extrativista seria a forma do Piauí adentrar ao modelo nacional, com uma economia que estava integrada ao mercado externo, e ao interesse da nação. Isso devido a ideia de desenvolvimento e modernidade, presente em todo o país, numa tentativa de se igualar as nações europeias desenvolvidas, sendo assim:

Numa economia como a brasileira, cujo indicador de crescimento era a maior integração possível ao mercado internacional, o Piauí consubstanciava o exemplo acabado de retrocesso, vez que essa integração não era efetivada. Ao mesmo tempo, a província perdia rapidamente a posição até então assumida no mercado regional como um dos principais exportadores de gado em pé (QUEIROZ, 2006, p.52).

Como essa economia, não atendia mais as necessidades de uma nação que pretendia mostrar-se moderna, havia a necessidade de buscar novos produtos para o mercado exportador. Deixar para trás tudo aquilo que representava atraso, os resquícios do Império, para abrir caminho para o novo, que veio com o advento da República. E o Piauí não poderia ficar de fora dessa jogada, alinhando-se a ideia vigente, a província passa a tomar medidas incentivadoras para a produção extrativa.

Para alcançar tal intento, nada melhor do que participar das Exposições Nacionais, símbolo máximo do progresso, da civilização e modernidade. Assim, podemos dizer que o sobressalto da economia extrativista no início do século XX, estar inserido dentro de um contexto muito mais amplo. É necessário analisarmos os discursos de modernidade e desenvolvimento, que buscava desenfreadamente mostrar um Brasil civilizado, com a

cara do progresso. Não podendo deixar nenhuma de suas províncias fora desse ideal vigente, é que se tem início os incentivos ao desenvolvimento de uma nova economia no Piauí e a participação da estado nas Exposições.

As Exposições seria um convite para conhecer as riquezas naturais do Piauí, a oportunidade de apresentar o estado aos que não conhecem. Como nos mostra o Catálogo dos produtos do Estado do Piauí na Exposição de 1908, havia uma procura de reconhecimento do Estado, sendo que por décadas a região Norte foi deixada ao esquecimento. Nesse momento a província queria destacar que era possível produzir produtos a igualdade do restante do Brasil:

A Estado do Piauhy não é certamente dos mais conhecidos, mesmo no Brasil, este grande nababo que só agora tenta fazer o primeiro balanço de sua fortuna, depois de um século de quase perfeito abandono. Encravado na esquecida região do Norte, sem uma cidade marítima notável aos viajantes, ou escala forçada a navegação estrangeira, não tem podido ser devidamente apreciado o território piauhyense, de que aliás só dizem cousas maravilhosas todos os sábios que nelle tem penetrado, e lhe têm descripto as incomensuráveis riquezas e belezas naturais³.

O catálogo deixa claro, o que foi exposto era apenas uma pequena parcela do potencial da província, isso em virtude de alguns contratemplos, ocorridos com a morte do Governador do Estado Alvaro de Assis Osorio Mendes, que foi substituído provisoriamente por José de Lourenço Moraes e Silva, Presidente do Tribunal de Justiça.⁴ O Estado estaria em desenvolvimento, em breve ocuparia lugar entre os mais bem vistos. A culpa desse atraso estaria na falta de transportes e estradas para locomoção, tornando o acesso ao estado mais difícil. O desenvolvimento só teria chegado com a República, que veio sanar as faltas, e dar os meios para o Piauí introduzir-se ao mercado exportador.

Esse sobressalto na economia piauiense, teria permitido o desenvolvimento do estado, que durante alguns anos vinha demonstrando um considerável índice de exportação. É o que nos mostra os dados precedentes a 1908.⁵

³ ³ APEPI – Arquivo Público do Piauí. PIAUÍ. Catálogo dos produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908.

⁴ Para mais informações, ver relatório a camera legislativa de 1908

⁵ Esses dados estão contidos no catálogo dos produtos do Estado do Piauí na Exposição Nacional de 1908, são apresentados para demonstrar o desenvolvimento do comércio anual do Estado.

Valor oficial da exportação:

>> 1904 >>.....3.843:984\$576
>> 1905 >>.....4.307:035\$177
>> 1906 >>.....6.496:059\$518

Outros dados que podemos observar tal desenvolvimento econômico, são as cifras orçamentárias do Estado. Nelas é perceptível o aumento da receita arrecadada, e o excedente do saldo:

Anos	Receita	Despesa	Saldo
1903	983.196\$490	839.563\$014	143.633\$476
1904	1.142.458\$393	901.983\$652	240.474\$741
1905			144.768\$179
1906	1.261.869\$270	1.073.700\$259	188.169\$011

O aumento econômico da estado é inegável, os dados nos mostra claramente a sua inserção aos poucos no mercado exportador. Não estamos querendo aqui negar seu crescimento, mas, temos que analisar esses dados dentro do contexto da nossa discursão. Pois como vimos até aqui, o interesse era apresentar um Piauí civilizado, participando com isso das Exposições. Mas, quando vamos examinar os produtos que eram expostos, percebemos que eram basicamente artigos naturais. Como um Estado que se considerava civilizado, baseava sua exportação e comercialização em matérias primas? Ainda mais, por que o gado, que anos antes foi considerado em decadência e atrasado para uma economia que se dizia avançada, aparece na lista dos produtos expostos na Exposição Nacional, se a demanda era por gêneros que representasse a modernidade industrial capitalista?

O que se pode ver é uma tentativa do novo sobrepor o velho, a República pensaria o novo, o futuro e o progresso. A participação do Piauí na exposição vem com essa imaginação, mas o que se pode ver é uma tentativa frustrada, pois não conseguem pensar o novo sem o velho, ou seja o novo é instituído na preservação do velho, nesse caso a cultura do gado.

Isso acontece, por que embora muitas vezes a palavra moderno seja entendido como uma ruptura com o passado, abandono das antigas práticas consideradas atrasadas e obsoletas, Jacques Le Goff aponta que “O moderno é exaltado através do antigo”, ou

seja, o antigo tem um grande peso na emergência dos valores modernos, do que se constitui como o novo.

O Piauí na Exposição Nacional de 1908

As Exposições Nacionais no Brasil teve início na segunda metade do século XIX, no ano de 1861 sobe o patrocínio do Estado monárquico. Os eventos ganharam a simpatia dos grandes empresários, políticos e populares, tornando possível o seu sucesso. “Nos anos seguintes foram organizadas Exposições Nacionais nos anos de 1866, 1873, 1875 e 1889, todas sobre o respaldo a preparação do Brasil nas exibições universais subsequentes” (HARDMAN, 1988, P.68). Era essas últimas que impulsionavam a preparação de cada Estado, que numa busca exarcebada tentava organizar seus artigos. O que importava era participar das Exposições, mesmo algumas estados com suas rudimentares mercadorias, eram convocadas a exibir-se as demais nações:

Assim do interior mais remoto das regiões agrárias às metrópoles mais representativas do cosmopolitismo articula-se um amplo mosaico enfeixado pela onipresença da mercadoria, ou pelo menos de sua presença. Na vastidão de nomes e coisas dispostas em ordens taxionômicas cujo zelo é não deixar nada de fora, estabelecem-se critérios, dividem-se prêmios, inaugura-se, enfim, a fase moderna propriamente dita das trocas desiguais (HARDMAN, 1988, P69)

Já no século XX, Hardman mostra que as Exposições Nacionais tiveram todo apoio do Estado republicano, na tentativa de enaltecer a nacionalidade, comemorando a entrada do país no cenário dos povos civilizados, como se pode ver na exposição de 1908, em comemoração ao centenário de abertura dos portos. Nao só o Estado do Piauí estava inserido nesse quadro, outras estados, como por exemplo a Bahia alinhou-se na busca por uma nação civilizada. Sua presença na Exposição Nacional se deu no final do século XIX. Para participar a Bahia também realizou as Exposições provinciais nos anos de 1861, 1867, 1873, 1875 e 1888 como preparatória as Nacionais.

“A Exposição de 1908, foi montada na orla do Bairro da Urca, pavilhões monumentais representavam os principais estados” (FABIAN, ROHDE, 2007, P.3). Encontrava-se dividida nas seções de agricultura, indústria pastoril, várias industrias e artes liberais. O catálogo dos produtos do estado do Piauí na Exposição, apresenta uma lista dos expositores por ordem alfabética de cada município. Nela podemos conhecer quem eram os produtores e o que eles produziam no Piauí por município. No geral, quase

todos os produtos expostos eram naturais, apenas uma pequena indústria, pouco considerável era desenvolvida. Podemos ver os antigos resquícios do período imperial, presentes na considerada desenvolvida República.

Vários foram os artigos expostos pela província, sendo assim, selecionaremos apenas alguns de cada seção para serem demostrados aqui. Pois a nossa intenção não é catalogar os produtos, mas tentar compreender como se deu a participação da província na exposição.

Cada seção no catálogo era dividida em grupos, assim na de agricultura, temos os grupos de culturas diversas, zoologia agrícola, produtos agrícolas, arboricultura, fruticultura e horticultura. Os produtos expostos nessa seção eram aplicações de arados, casulos de bicho de seda, colmeias de maribondos de surrão, ninhos de vem-vem, farinha e goma de mandioca, milho, feijão, arroz, café, algodão, aguardente de cana, sementes de maniçoba, carnaúba, jatobá, castanha de caju, e bulbos de olho.

A seção de indústria pastoril, era formada por fotografias de raças cavalares, de raças bovinas, e raças ovinas. A seção de várias industrias é a mais extensa, dividida em indústria fabril e indústria extrativa. Os produtos apresentados da indústria fabril foram massas, biscoitos de castanha e de milho, artigos de confeitoraria e pastelaria como doce de buriti e mangaba, conservas de carne, peixe, legumes e frutas. Azeite, óleos, condimentos, vinhos, vinagres, licores, cervejas, queijo, manteiga. Moveis, tecido de algodão, barbantes, cordões, cal, cimento, sapato, sabões, joalheria, vassouras, tintas, couros, péles preparadas, malas, entre outros produtos.

A indústria extrativa era formada por coleções científicas mineralógicas e geológicas como madeira petrificada e minério de cobre. E ainda por águas minerais naturais, sal, salinas, borracha, fibras e cascas industriais, frutas silvestres, cera, resina, madeiras, plantas medicinais, penas e crinas. A última seção de artes liberais, era composta por fotografias, artes farmacêuticas, químicas e antropologia.

Conclusão

As Exposições Estaduais no Piauí emergem num contexto da virada do século com o objetivo em evidenciar, aos olhos dos europeus, os momentos de transformações sociais, políticas e sobretudo econômicas que o Brasil estava conquistando. Nesse momento o Brasil estava vivendo o alvorecer da República, que veio substituir o antigo

sistema político monárquico. As Exposições seriam, portanto, a mais nítida incorporação do Brasil ao mundo do capitalismo e da civilização que se avizinhava durante a construção da Belle Époque nos trópicos

O discurso que prevalecia, era de progresso, desenvolvimento e civilização, organizar os eventos seria uma maneira de apresentar as riquezas desconhecidas de seu estado, ainda mais para o Piauí, que por muito tempo apresentou uma economia diferenciada dos demais estados do Centro-sul do Brasil. Essa seria a oportunidade de mostrar o seu potencial, evidenciando a produção de seu estado.

A participação do Piauí na Exposição Nacional de 1908, seria apenas o primeiro passo na busca de tal objetivo. E nesse contexto, a economia extrativa ganha destaque, ocupando o primeiro lugar nas pautas de exportação, a produção econômica torna-se a galinha dos ovos de ouro do estado, que o inseria no mercado exportador. A pecuária não atendia mais as necessidades vigentes, sendo preciso enveredar por um novo caminho. Com isso, junta-se o útil ao agradável, ou seja, a produção extrativista de exportação, com o discurso de desenvolvimento e progresso do estado.

A tentativa malograda acabou por evidenciar a força do antigo sistema econômico pecuarista, que prevaleceu ainda presente nas exposições. O novo sistema econômico não extinguiu o antigo, mas coexistiram juntamente como ficou evidenciado na Exposição Nacional de 1908. Portanto, o que buscamos captar aqui, foi esse momento de transformação do Brasil e mais especificamente do Piauí tomando como fio de análise as percepções dos sujeitos históricos que a deram sentido no Piauí do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX.

Bibliografia

CUNHA, Cinthia da Silva. **As Exposições Provinciais do Império: A Bahia e as Exposições Universais (1866 a 1888).** / Salvador, 2010, 121p.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma:** A modernidade na selva/ São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 291p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória/** Campinas: São Paulo Editora da UNICAMP, 1990, 553p.

NEVES, Margarida de Souza. **As vitrines do Progresso:** Museu Paulista, 1986, 80p.

QUEIROZ, Teresinha. **Economia piauiense:** Da pecuária ao extrativismo/ Teresina: EDUFPI, 2006, p. 58p

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. / São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 623p.